



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ANDRÉIA GONÇALVES

**OS DESAFIOS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

LONDRINA

2010

ANDRÉIA GONÇALVES

**OS DESAFIOS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NAS
SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da UEL - Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ms. Edilaine Vagula

Londrina

2010

ANDRÉIA GONÇALVES

OS DESAFIOS DA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da UEL - Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientadora: Profa. Ms. Edilaine Vagula

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ms. Edilaine Vagula (Orientadora)

Profa.MS. Diene Eire de M. Bortotti de Oliveira

Profa. Dra. Martha Aparecida Santana Marcondes

Londrina, 15 de Setembro de 2010.

Agradeço primeiramente a Deus, por ser a
fortaleza da minha vida que me dá ânimo
quando penso em desistir.

Agradeço também a minha família pelo
apoio para conclusão deste trabalho.

Agradeço a minha orientadora pela
paciência e carinho para que o trabalho
fosse concluído.

Agradeço às minhas amigas da faculdade e
de trabalho por me apoiarem durante todo este
tempo enquanto concluía este trabalho.

Dedico este trabalho á minha filha Letícia Maria
Minha vida, minha paixão!!!!!!

A ação avaliativa mediadora se desenvolve em benefício do educando e dá-se fundamentalmente pela proximidade entre quem educa e quem é educado.

(HOFFMANN, 2003)

GONÇALVES, Andréia. **O desafio da avaliação nas séries iniciais do Ensino Fundamental** p.46 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2010.

RESUMO

O presente trabalho traz considerações a respeito da avaliação da aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental, procurando discutir as diferenças entre testar, medir e avaliar. Aborda alguns instrumentos avaliativos mais utilizados nessa modalidade de ensino. Um dos principais objetivos é refletir sobre as práticas avaliativas adotadas pelas professoras da instituição investigada. Os dados apresentados fazem parte do trabalho de conclusão do curso de Pedagogia e foram coletados no primeiro semestre de 2010, junto a 5 professores que atuam em uma escola da rede particular do município de Londrina. A abordagem metodológica é a qualitativa, tendo o questionário como procedimento de coleta de dados. Na análise dos dados percebeu-se que as professoras entrevistadas utilizam diversos instrumentos avaliativos e que se preocupam com a aprendizagem de seus alunos. A pesquisa revelou que a busca de uma avaliação formativa levou estas professoras a diversificarem seus instrumentos avaliativos. Conclui-se que o maior desafio da avaliação nas séries iniciais é o investimento no processo, o olhar diferenciado, o respeito às especificidades de cada aluno, é o repensar sobre a prática pedagógica em sala de aula, é termos consciência de que como professores somos os principais responsáveis pelas mudanças necessárias para vencermos todos os desafios de estar à frente de uma sala de aula.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem. Ensino Fundamental. Instrumentos avaliativos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. REFLETINDO SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM	12
1.1 O que podemos entender por testar?.....	17
1.2 E quanto ao conceito de medir?.....	18
1.3 O que é avaliar?.....	18
2. A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS	26
2.1 Os Instrumentos Avaliativos usados nas Séries Iniciais.....	28
3. METODOLOGIA	31
3.1 Participantes	31
3.3 Material.....	31
3.4 Procedimentos para a Coleta e Análise dos dados.....	32
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	33
4.1 Concepções sobre Avaliação da Aprendizagem.....	33
4.2 Quais instrumentos de avaliação você utiliza?.....	34
4.3 Qual a contribuição destes instrumentos avaliativos para uma avaliação que promova o ensino e a aprendizagem?	36
4.4 Você conhece a Lei de Diretrizes e Bases? E o que ela diz sobre a Avaliação?.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICE	43
APÊNDICE A	44

INTRODUÇÃO

Este trabalho buscou refletir sobre a avaliação da aprendizagem no contexto escolar, confrontando-se com as concepções avaliativas dos professores da escola investigada.

Durante muito tempo a avaliação foi caracterizada como um processo de seleção, o que presumia a inclusão de alguns e a exclusão de outros. E atualmente qual a característica da avaliação da aprendizagem? Seu processo ainda consiste em selecionar ou visa à aprendizagem concreta do aluno?

Concebemos a avaliação da aprendizagem, como mecanismo de formar o indivíduo, respeitando suas diferenças e individualidade. O ato de avaliar não deve ocorrer somente no momento da prova, para atribuir uma nota ao possível conhecimento adquirido pelo aluno, deve ser contínuo, ocorrendo de forma processual e não em momentos estanques, que priorizam o medir e o testar.

Através deste estudo enfatizamos a importância do professor avaliar de forma contínua, de avaliar o processo, não somente a aprendizagem de conteúdos para a realização de uma prova. Como vemos em Hoffmann (2003, p.22):

As notas e provas funcionam como redes de segurança em termos de controle exercido pelos professores sobre seus alunos, da escola e dos pais sobre os professores, do sistema sobre suas escolas. Controle esse que parece não garantir o ensino de qualidade que pretendemos, pois as estatísticas são cruéis em relação à realidade das nossas escolas.

Como educador, o professor para avaliar o seu aluno priorizando a avaliação formativa, deve rever seu trabalho, organizando sua ação, de forma que o plano de aula esteja articulado ao plano de curso. Segundo Méndez (2003, p.21)

A avaliação é uma vitrine em que se exibem muitas das contradições existentes na educação. Envolve dilemas práticos diante dos quais os educadores têm de tomar posição como única garantia de um agir consciente e comprometido que leva à busca de respostas.

Estas reflexões se fazem necessárias para que o professor tome consciência de como o seu papel é essencial para a expansão e a utilização da avaliação como um processo que auxilie o aluno na construção do conhecimento e possibilite ao professor agir face aos resultados, replanejando dessa forma, o seu trabalho.

Fazer uma análise sobre as concepções avaliativas que são utilizadas pelos professores em sua prática educativa, vem contribuir para instigar uma prática avaliativa focada na aprendizagem e não na verificação e classificação dos alunos.

Nos dias de hoje a avaliação continua sendo o centro das discussões na área educacional, dessa forma, elaboramos o seguinte problema de pesquisa: **A avaliação da aprendizagem na realidade investigada, está voltada para o medir e testar, ou é concebida em uma perspectiva formativa?**

Para responder este problema buscamos refletir sobre a importância do ato avaliativo em sala de aula, na perspectiva qualitativa e não quantitativa, pois, ainda hoje no cotidiano, muitos professores a utilizam para ter um domínio sobre os alunos ou como punição, para os que não apresentam um comportamento considerado adequado.

O trabalho apresenta algumas reflexões sobre o ato avaliativo, com o intuito de verificar as concepções avaliativas presentes nos enunciados dos sujeitos do estudo. Nesse contexto, tivemos como objetivo distinguir o ato de avaliar, de testar e de medir a aprendizagem em sala de aula e perceber como a avaliação acontece no ensino fundamental nas séries iniciais, discutindo alguns instrumentos avaliativos. Diante do que apresentamos, o trabalho se idealizou com o propósito de:

Objetivo Geral

- Refletir sobre a prática dos professores investigados, enquanto avaliadores no processo de ensino e aprendizagem.

Objetivo Específico

- Identificar os instrumentos avaliativos utilizados na realidade investigada, confrontando com autores recentes na área da educação.

Nosso trabalho foi estruturado da seguinte forma:

No primeiro capítulo apresentamos algumas reflexões sobre a avaliação da aprendizagem com o intuito de demonstrar através, deste trabalho, algumas concepções sobre a avaliação da aprendizagem, além de apresentarmos conceitos sobre a diferença entre testar, medir e avaliar.

O segundo capítulo possibilitou a discussão da avaliação da aprendizagem especificamente nas séries iniciais do ensino fundamental, onde são abordados alguns instrumentos avaliativos muito utilizados por professores.

Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados no estudo, descrevendo a realidade investigada, participantes, instrumento para coleta de dados e os procedimentos de análise. Posteriormente foram apresentados os resultados da pesquisa e sua análise, onde foram expostas também, as conclusões do estudo.

1. REFLETINDO SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

A avaliação é um processo contínuo de pesquisa que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento em função dos objetivos, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas do planejamento do trabalho, do professor e da escola como um todo (PILLETI, 1991,p.190).

Durante muito tempo, a avaliação da aprendizagem escolar esteve pautada na seleção e na classificação de alunos. O “erro” foi considerado como determinante da incapacidade do aluno frente a determinados conhecimentos e comportamentos, não sendo analisado como parte integrante do processo de aprendizagem.

Não são recentes, porém, as teorias que incluem o erro como parte fundamental deste processo, uma vez que, ao analisarmos a falha do educando em determinada etapa do desenvolvimento escolar é possível detectar e localizar as causas que o levaram a errar, sendo que estas podem ser de natureza didático-pedagógicas, físicas, emocionais, culturais ou ambientais.

Dentro de uma perspectiva sócio-interacionista, a observação do “erro” tanto quanto do “acerto” em um conjunto de ações específicas, servem como diagnóstico para compreensão da zona de desenvolvimento real e proximal do educando. Embora a passagem de um nível para o outro seja rápida e dinâmica, o erro ou as hipóteses levantadas pelos alunos em testes ou atividades propostas, podem ser interpretados de uma maneira que favoreça a aprendizagem (ROSA, 2009). Desta forma, é preciso que o avaliador, no caso, o professor, tenha um bom entendimento de que modalidade de avaliação se adéqua à perspectiva pedagógica adotada tanto pelo professor, quanto pela instituição de ensino.

Historicamente uma característica predominante no cotidiano escolar entre os professores no que se refere à avaliação, é a classificação dos alunos em bons ou maus, acreditando-se que a avaliação é, muitas vezes, a punição para os alunos tidos como “maus” e prêmio para os “bons”. Dessa forma, a avaliação da aprendizagem tem sido associada à execução de provas bimestrais, que tem

como objetivo apenas medir o conhecimento adquirido pelo aluno em um tempo determinado, os resultados das provas tornam-se mais relevantes do que a aprendizagem concreta do mesmo. Luckesi (2002) pontua que historicamente a avaliação sempre esteve associada à pedagogia do exame. Professores quando questionados sobre o que é avaliar, recorrem a respostas como: fazer provas, trabalhos, comportamento, etc. Estas respostas muitas vezes, são ligadas a instrumentos de avaliação e não ao ato de avaliar o aluno como um pressuposto à melhoria da qualidade da aprendizagem.

A grande preocupação da escola, de pais e professores sempre esteve voltada à aprovação ou reprovação, o conteúdo que o aluno assimilou não é significativo, mais sim, o que ele não aprendeu se torna o essencial. Concordamos com Luckesi (2002, p. 18) quando afirma:

Pais, sistema de ensino, profissionais de educação, professores e alunos, todos tem suas atenções centradas na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra. O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos; os pais estão desejosos de que seus filhos avancem nas séries de escolaridade; os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes, por meio da ameaça; os estudantes estão sempre na expectativa de virem a ser aprovados ou reprovados e, para isso, servem-se dos mais variados expedientes. O nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem.

Este sistema de avaliação é imposto aos alunos desde o ensino fundamental as séries iniciais, a preocupação está sempre pautada no que se “aprendeu” não como se aprendeu, muitas vezes, o que o aluno traz de conhecimento não tem relevância alguma. Este sistema de promoção do aluno inicia-se no ensino fundamental, mas, o processo avaliativo do aluno, muitas vezes, já não é considerado desde a educação infantil, que nos mostra a disparidade que existe no ato de avaliar.

A avaliação é, muitas vezes, um meio de classificar o bom ou o mau aluno. Os professores deveriam conceber a avaliação como um processo contínuo de observações sobre o cotidiano em sala de aula e do desenvolvimento dos alunos. A concepção de que provas e exames servem para classificar os alunos em “bons

ou maus”, já era expressa nas pedagogias dos séculos XVI e XVII, a avaliação era usada como moderadora da disciplina pelo professor e, ainda hoje permanece em muitas escolas, esta concepção de avaliação como punição de aluno por parte do professor. Salienta Luckesi (2002, p.22) que:

Os jesuítas (século XVI), nas normas para a orientação dos estudos escolásticos, seja de classes inferiores ou nas superiores, ainda que definissem com rigor os procedimentos a serem levados em conta, num ensino eficiente, tinham uma atenção especial com o ritual das provas e exames. Eram solenes essas ocasiões, seja pela constituição das bancas examinadoras e procedimentos de exames, seja pela comunicação pública dos resultados, seja pela emulação ou pelo vitupério daí decorrente.

As avaliações são elaboradas pelos professores, muitas vezes com intuito de punir o aluno e não como um instrumento que auxilia no processo de ensino e aprendizagem. O professor usa a avaliação para colocar medo em seus alunos. Luckesi (2002, p.22) aponta que:

Comênio insiste na atenção especial que se deve dar a educação como centro de interesse da ação do professor; porém, não prescinde também do uso dos exames como meio de estimular os estudantes ao trabalho intelectual da aprendizagem. Segundo ele, um aluno não deixara de se preparar para exames finais do curso superior se soubesse que a colação de grau será “pra valer”. Porém mais que isso, Comênio diz que o medo é um excelente fator para manter a atenção dos alunos.

O aluno passa a se dedicar aos estudos dos conteúdos exigidos pelo professor, não porque estes sejam significativos para sua aprendizagem, e sim por terem que estudar para provas, e alcançar os objetivos do professor e por medo de reprovar. Em Haydt, (1994, p.56) encontramos que “a avaliação se restringe a medir a quantidade de informações retidas. Nessa abordagem, em que educar se confunde com informar, a avaliação assume um caráter seletivo e competitivo”. Diante destas perspectivas percebe-se a avaliação como um mero instrumento, onde a aprendizagem é vista como algo secundário, quando se ignora a função avaliativa durante este processo. Hoffmann (2003, p.12) argumenta que:

Muitos fatores dificultam a superação da prática tradicional, já tão criticada, mas, dentre muitos, desponta sobremaneira a crença dos educadores de todos os graus de ensino na manutenção da ação avaliativa classificatória como garantia de um ensino de qualidade, que resguarde um saber competente dos alunos.

O que acontece, muitas vezes ainda, é a crença de que a avaliação deve classificar o aluno quantitativamente, a sua nota prevalece sobre a aprendizagem. As provas devem mostrar o aluno que se destacou, a nota eleva este à condição de o melhor da turma. Não se leva em consideração as especificidades de cada criança, o aluno que o professor quer é aquele, que faz tudo o que ele pede sem questionar, se conseguiu ou não realizar o que lhe foi proposto.

Nesta perspectiva de avaliação, em que os instrumentos não são relevantes e sim o desenvolvimento do aluno no processo de ensino e aprendizagem, o aluno que não se encaixa no padrão terá uma avaliação negativa, pois o professor já o rotula previamente. Hoffmann (2003, p.16) considera que:

É preciso atentar para o fato de que uma escola de qualidade é a que da conta, de fato, de todas as crianças brasileiras, concebidas em sua realidade concreta. E a escola, hoje, insere-se numa sociedade marcada por muita violência, miséria, epidemias, instabilidade econômica e política. O caminho para o desenvolvimento é uma educação igualitária, que acolha os filhos dessa geração em conflito e projete essa geração no futuro, conscientes do seu papel numa possível transformação. Se essa criança desde logo for considerada como de um futuro impossível, não terá nem um tempo justo de provar o quanto poderemos contar com ela.

Com o passar dos anos, as discussões em torno da avaliação foram tornando-se cada vez mais aprofundadas, mas ainda esta consegue amedrontar muitos alunos e professores. Essas discussões se pautam no enfoque avaliativo que temos hoje, onde a avaliação deve acontecer valorizando o aspecto formativo do aluno, e não no aspecto seletivo, enfatizado há alguns anos atrás, mas o que vemos é a insistência de muitos professores em selecionar alunos através de notas. Assim, Luckesi (2002, p.23) afirma que:

A avaliação da aprendizagem escolar, além de ser praticada com tal independência do processo ensino aprendizagem, vem ganhando foros de independência da relação professor-aluno. As provas e exames são realizados conforme o interesse do professor ou sistema de ensino. Nem sempre se leva em consideração o que foi ensinado, mais importante do que ser uma oportunidade de aprendizagem significativa, a avaliação tem sido uma oportunidade de prova de resistência do aluno aos ataques do professor, as notas são operadas como se nada tivessem a ver com a aprendizagem. As médias são médias entre números e não expressões de aprendizagens bem ou malsucedidas.

Quando falamos em avaliação da aprendizagem do aluno temos que nos atentar, para a avaliação do trabalho do professor, pois estão interligadas. Se o aluno conseguiu ser avaliado de forma positiva, conclui-se que os objetivos do professor foram alcançados, este avaliará o que conseguiu ensinar, a avaliação funciona como mediadora da prática educativa do professor, que ao rever sua prática, visando à aprendizagem, deve estar aberto a novas metodologias e observar as características individuais de seus alunos, que não são padronizados, não aprendem da mesma maneira.

A avaliação deve ser um processo contínuo e sistemático, podendo ser utilizada como um recurso para a orientação do trabalho do professor em sala de aula, pois indica como o aluno está progredindo em sua trajetória de aprendizagem, quais suas dificuldades, seus avanços; estas impressões também colaboram para nortear a prática educativa, pois com seus registros e observações é possível re-planejar seu trabalho se necessário.

As práticas avaliativas dos educadores estão muito ligadas ao passado, a um processo de avaliação, ensino e aprendizagem em que o objetivo não é o pleno desenvolvimento de todos. O que podemos acompanhar é que as mudanças estão acontecendo aos poucos, com a conscientização dos educadores sobre a importância da avaliação da aprendizagem e desenvolvimento de todos os alunos dentro de seu contexto, onde erros e acertos contribuem para a construção do conhecimento e não apenas como mecanismo de seleção e exclusão dos alunos do processo de ensino e aprendizagem. Em Haydt, (1994, p.57):

Como vemos, o conceito de avaliação da aprendizagem está ligado a uma concepção pedagógica mais ampla, isto é, a uma visão de educação. Ele depende, portanto, da postura filosófica adotada. Além disso, a forma de encarar e realizar a avaliação reflete a atitude do professor autoritário e inseguro: poderá ver na avaliação uma arma de tortura ou punição para alunos apáticos ou indisciplinados. Por sua vez, um professor que seja sério e responsável, seguro de sua prática docente, que oriente as atividades de aprendizagem dos alunos, colaborando com eles na construção do conhecimento, tenderá a encarar a avaliação como uma forma de diagnóstico dos avanços e dificuldades dos alunos e como indicador para o planejamento de seu trabalho docente. Nessa perspectiva, a avaliação ajuda o aluno a progredir na aprendizagem, e o professor a aperfeiçoar sua prática pedagógica.

A escola também tem um papel fundamental, deve orientar seus professores sobre a avaliação e promover discussões sobre o tema para a melhoria do trabalho do professor na prática educativa. É preciso cultivar em nossas escolas práticas que avaliem visando o desenvolvimento, respeitando suas individualidades, de forma significativa, para uma melhor aprendizagem.

As posturas adotadas por alguns professores em relação à avaliação apenas como registro de notas atribuídas para classificar os alunos, são ainda muito usadas por professores nos dias de hoje.

Muitas vezes, a avaliação é usada como sinônimo de medir ou testar, isto em decorrência da concepção, muitas vezes, errônea de que a função da educação é apenas transmissora de conhecimentos, o aluno é medido pelo número de informações que consegue memorizar, ou seja, para uma prova que será na próxima semana decora todo o conteúdo e após a “sistematização de seus conhecimentos” não consegue se lembrar de mais nada. Para compreender estes termos aqui usados veremos a definição destes.

1.1 O que podemos entender por testar?

Quando pensamos em avaliar um conteúdo trabalhado no decorrer de um bimestre, por exemplo, temos em mente que o aluno deve dar um retorno do que ele conseguiu assimilar, alguns professores testam seus alunos para verificar o que cada aluno aprendeu. “Testar significa sujeitar um indivíduo a um teste ou

experiência, os testes são muito comuns na educação, isto é, consiste em verificar o desempenho de alguém ou alguma coisa, através de situações previamente organizadas, chamadas testes.” (HAYDT, 1997, p.9)

Teste é um meio ou um conjunto de meios que serve para determinar as qualidades ou características de algo que está sendo observado, como exemplo, podemos fazer um teste para verificar a eficiência de um produto que queremos comprar, assim como aplicar um teste de História ou Geografia para estabelecer o nível de conhecimento do aluno sobre os conteúdos trabalhados.

1.2 E quanto ao conceito de medir?

Quando medimos algo, determinamos a quantidade ou extensão, tendo por base um sistema de unidades convencionais. Ao medir estamos atribuindo valores seguindo determinadas regras já estabelecidas. O resultado de uma medida sempre é expresso em números. A medida é mais ampla, pois inclui outros instrumentos além dos testes.

Medir então consiste em determinar o quanto o aluno aprendeu em um período pré-estabelecido pelo professor, que nas escolas geralmente é dividido por bimestres, onde em cada um o aluno deve acumular conceitos de determinado conteúdo, então terminado este período esquece o que se aprendeu e se concentra em novos conhecimentos que poderiam ser trabalhados de forma conjunta, mas são fragmentados para facilitar a “compreensão do aluno”.

1.3 O que é Avaliar?

É um julgamento, mas amplo que testar ou medir. A avaliação tem como função verificar mudanças qualitativas na aprendizagem do aluno. Na Lei de Diretrizes e Bases da educação (Lei n. 9.394/96), estabelece que:

A verificação do rendimento escolar observará seguintes critérios: avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com a prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre o de eventuais provas finais. (BRASIL, 1996, art. 24)

A leitura da LDB 9.394/96 nos mostra que a avaliação deve ser vista como um recurso para auxiliar o professor em sua prática educativa, prevalecendo à qualidade da avaliação sobre a quantidade. A concepção de avaliação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) diz que:

A avaliação vai além da visão tradicional, que focaliza o controle externo do aluno, através de notas ou conceitos, para ser compreendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional. A avaliação não se restringir ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno, é compreendida como um conjunto de atuações que tem função de alimentar, sustentar e orientar a orientação pedagógica (BRASIL, 1997, p.55).

Nas séries iniciais a avaliação deve ser pensada pelo professor como um meio de ter um retorno de como anda seu trabalho, não deve ser usada como punição para o aluno. A autora Haydt (1994, p. 56) enfatiza que:

O termo avaliar tem sido constantemente associado a expressões como fazer provas, fazer exames, atribuir nota, repetir ou passar de ano. Essa associação tão freqüente em nossas escolas é resultado de uma concepção pedagógica arcaica, mas tradicionalmente predominante.

Alguns professores insistem em provas, tendo quase sempre como desculpa o vestibular, que o aluno deve ser competitivo, estimula-se muito a questão da competição, mas quase sempre o aluno não aprendeu apenas decorou para a prova, o que o leva, após a conclusão da educação básica, a pagar um cursinho pré-vestibular para lembrar conteúdos.

A realidade em sala de aula é bem desafiadora para os professores atualmente, vemos muitas mudanças no que se refere a estratégias pedagógicas, mais no que concerne a avaliação ainda temos muito que avançar.

Muitos se dizem professores que avaliam o processo ensino e aprendizagem, mas, muitas vezes, o fazem de forma errônea, não aplicam provas, mas também não estabelecem qual o nível de dificuldade de seus alunos, são contra os instrumentos avaliativos e não estabelecem critérios para avaliação. Com duas realidades tão diferentes o que sabemos é que o ensino vai mal, os alunos muitas

vezes chegam ao final do ensino fundamental sem condições de leitura e interpretação de textos. Demo (1996, p.55) nos diz que:

As pesquisas de avaliação, entretanto, mostram que, se é certo que o aluno aprende muito mal, não é menos certo que o despreparo da escola também é monumental. Assim, facilmente acontece que, em vez, da progressão automática, o que sucede é que, ao termino do segundo ano, o aluno continua ainda bastante analfabeto. Na verdade, quem mais precisa de “ciclo básico” não é o aluno, mas o professor e o diretor, ou o sistema escolar como um todo.

Como podemos perceber a avaliação, desde o início da educação, é uma poderosa forma de acompanhar o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, em sala de aula.

A escola tradicional apesar de classificatória e muitas vezes punitiva dava uma dimensão do que era memorizado ou decorado. Com o passar dos anos, e com as novas tecnologias educacionais foi-se dando a avaliação a sua devida importância, a visão do ensino evoluiu, muita coisa mudou, mas é ainda muito forte e presente no cotidiano escolar a avaliação quantitativa e classificatória.

Atualmente o enfoque avaliativo insiste no aspecto formativo do aluno, a aprendizagem é o foco principal, não mais a seleção de alunos como na pedagogia tradicional. Apesar destes avanços, muitos professores ainda insistem no ato avaliativo como quantificador do processo de ensino.

Ao constatarmos estes fatos o que podemos concluir é que muitos professores apenas reproduzem em suas práticas em sala de aula o que viveram enquanto aluno, o que presenciaram em sua vida escolar, a premissa que muitas vezes é válida, é que “se consegui aprender assim, porque hoje o aluno não pode?” Uma concepção arcaica diante das tecnologias vivenciadas hoje e muito ainda usada por professores, principalmente de ensino médio e superior. Muita coisa mudou apenas o professor é que insiste em permanecer igual, visto muitas vezes como o detentor do saber.

O próprio professor muitas vezes associa a avaliação a algo não muito bom, que deve amedrontar os alunos com a premissa “prestem atenção este assunto vai cair na prova” como se o conhecimento apenas devesse ser reproduzido em um único dia, para se responder algumas perguntas, depois a nota que o classifica e demonstra através dela se é ou não um bom aluno, deixando

professores e diretores satisfeitos com resultados bons e muitas vezes excluindo alunos que não conseguiram atingir o objetivo da escola, sem ao menos identificarem o porquê este aluno foi mal, apenas quantificam as notas deixando em destaque as boas notas. Concordamos com Hoffman (2000, p. 13) quando diz que:

Percebo, em contato com os professores que o “fenômeno avaliação” é, hoje, um fenômeno indefinido. Professores e alunos que usam o termo atribuem-lhe diferentes significados, relacionados principalmente, aos elementos constituintes da prática avaliativa tradicional: prova, nota, conceito, boletim, recuperação, reprovação. Estabelecem uma relação direta entre tais procedimentos e avaliação, com uma grande dificuldade em compreender tal equívoco. Dar nota é avaliar, fazer prova é avaliar, o registro das notas, denomina-se avaliação. Ao mesmo tempo, vários significados são atribuídos ao termo: análise de desempenho, julgamento de resultados, medida de capacidade, apreciação do “todo” do aluno. Quando questiono diretamente o significado da palavra avaliação recebo, por vezes, tantas definições quantos são os professores presentes os encontros.

O despreparo dos professores em relação à avaliação é notório quando se discute o tema, pois, apesar de se dar ênfase a avaliação qualitativa, do ensino e da aprendizagem, que valorize o aluno, sempre voltamos os debates para os instrumentos avaliativos e não ao ato de avaliar. Cada professor tem seu jeito de pensar a avaliação, por isso tantas definições para o mesmo assunto. (HOFFMAN, 2001)

As discussões em torno da avaliação são sempre recorrentes a idéia de que a classificação do aluno demonstra a competência, a capacidade do professor diante de seus alunos, e perante a escola e os pais, a avaliação classificatória é vista como a garantia do ensino com qualidade, quanto mais o aluno é cobrado, mais eficiente se torna, e conseqüentemente sua nota é maior, reproduzem o conhecimento exatamente como o professor ensinou.

Hoffman (2003) argumenta que a dificuldade em superar a prática educativa tradicional, é a crença dos professores de que a ação avaliativa classificatória é sinônima de ensino de qualidade.

Para a avaliação, se tornar aliada do processo de ensino aprendizagem, o professor deve repensar sua prática educativa, o que nem sempre é fácil. Mas, como seria este repensar a prática educativa?

A mudança exigida para isto deve começar no dia-a-dia de sala de aula, o professor tem que ter um respaldo pedagógico da instituição onde trabalha para que esta mudança seja possível, passando da ação avaliativa classificatória para a emancipatória.

Para Hoffmann (2001, p.78) “a avaliação mediadora” é um processo de permanente troca de mensagens e de significados, um processo interativo, dialógico, espaço de encontro e de confronto de idéias entre educador e educando, em busca de patamares qualitativamente superiores de saber.

Na avaliação mediadora, as trocas são constantes e necessárias para o processo educativo, pois devemos considerar que as interações possibilitam a construção de novos conhecimentos para ambas as partes envolvidas neste ato de ensinar e aprender.

Segundo Hoffmann, (2001, p.78), “relação professor e aluno, via avaliação, constitui um momento de comunicação para os dois sujeitos, em que cada um deles estará interpretando, observando, propondo, revendo, e refletindo sobre o conteúdo, os procedimentos, enfim, a efetivação da aprendizagem”. A avaliação pode ser um instrumento de dupla função para professores e alunos, para professores atua como elemento de reflexão sobre os conhecimentos expressos pelos alunos, possibilita a reflexão sobre o sentido da sua ação pedagógica, para o aluno, oportunidade de reorganizar e de expressar seus conhecimentos.

Ainda, de acordo com a Hoffmann (2001), o processo educativo comunga de vários momentos, dentre eles a aprendizagem, sendo esta o ponto muito importante, onde todos querem chegar. O novo conhecimento pode mobilizar provocar uma necessidade de aprender e vivenciar as diferentes experiências educativas que podem ser sistematizadas através de várias formas.

Uma das mudanças necessárias é deixar de lado a idéia errônea do professor como detentor do saber, deve agir como mediador estimulando o seu aluno a pensar, a refletir sobre os conhecimentos e no cotidiano escolar, prestar atenção ao seu aluno para que dúvidas sempre recorrentes impulsionem aulas criativas e prazerosas, tendo o planejamento concebido de forma flexiva, como um articulador da prática pedagógica.

Um planejamento flexível não quer dizer não planejar nada, e sim ter o discernimento de considerar a sala de aula um espaço de ensino e aprendizagem e atender as necessidades da turma, onde a avaliação se dá de forma prazerosa.

Uma das exigências para um bom professor é o bom senso, como afirma Freire (2004, p.61), “a vigilância do meu bom senso tem uma importância enorme na avaliação que, a todo instante devo fazer da minha prática.” O que vemos hoje são algumas mudanças na nomenclatura do processo avaliativo o “conceito” que nada mais seleciona os alunos em ruim, bom ou ótimo, dando uma falsa impressão de mudança.

O que caracterizamos como mais importante hoje é a qualidade do ensino, atrelamos esta qualidade, muitas vezes, a resultados de processos avaliativos padronizados e comemoramos com uma grande vitória se todos os alunos de um determinado lugar obtêm notas altas. Mas como podemos compreender o que foi assimilado por este aluno? Com certeza a memorização do conteúdo daquela avaliação colaborou para as notas serem altas.

Para se compreender o que foi assimilado pelo aluno, o processo avaliativo deve ser uma ação contínua do professor durante todo período em que está em sala de aula. O processo de ensino e aprendizagem acontece há todo momento, sendo assim, a avaliação deve estar pautada em todo o processo da aprendizagem durante o bimestre, não apenas durante uma prova, em um único dia, apenas para emitir uma nota e classificar os alunos. Concordamos com Demo (1996, p.41) ao salientar que:

A avaliação há de ser um processo permanente e diário, não uma intervenção ocasional, extemporânea, intempestiva, ameaçadora. A prova é vista como ato de força, barreira dura de ser superada. O resultado dela é típico: em vez de fortalecer o projeto educativo, concede ou retira a “aprovação” sem falar que não representa uma maneira de avaliar, na qual o avaliado possa adequadamente se defender.

Quando aplicamos um instrumento avaliativo devemos considerar a pressão exercida sobre os nossos alunos, o nervosismo das crianças é perceptível, mas, muitas vezes o ignoramos.

Quando ocorre o fracasso, quem é o culpado? Professor ou aluno? A tendência é sempre culparmos os alunos com frases características muito usadas por professores como: vocês não prestaram atenção na aula, não estudaram etc. Mas o que podemos indagar é se este professor prestou atenção a este aluno durante o processo de aprendizagem? O aluno que fracassa, quase sempre, é

aquele que passa despercebido pelo professor, pois não se destaca em sala. Hoffman (2005, p. 13) aponta que:

O que se precisa questionar, no meu entender, são os princípios que fundamentam tais práticas avaliativas, que cada vez mais estreitas e padronizadas, impedem ver e sentir cada sujeito da educação em seu desenvolvimento integral e singular, negando a heterogeneidade que os torna humanos e limitando o acesso a escola apenas aos que se aproximam ou se submetem a expectativas rigidamente determinadas por ela.

A avaliação, muitas vezes, é apenas um instrumento burocrático que se atribui um valor para satisfazer aos pais e professores, quando não são boas notas a culpa é do aluno, mas se a nota é alta os méritos são todos do bom professor que soube ensinar o conteúdo. Assim, os princípios que norteiam a prática avaliativa ficam cada vez mais encaixados em um padrão onde apenas os “bons” conseguem, enquanto os que apresentam maior dificuldade são excluídos do processo, tendo que correr atrás do prejuízo, pois nosso sistema hoje raramente reprova o aluno que obtêm notas baixas, este passa a ter uma recuperação paralela que geralmente não recupera conteúdos e sim a nota.

2. A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS

A importância da avaliação no processo de ensino e aprendizagem é indiscutível, ela vem corroborar para uma melhor forma de ajudar os alunos nas dificuldades e os professores na reflexão de seu trabalho.

O trabalho com as séries iniciais, principalmente no primeiro ciclo, exige do professor dedicação e paciência no processo de ensino e aprendizagem, pois, é o momento onde ocorre a alfabetização, portanto a avaliação deve acontecer todos os dias e todos os momentos de aprendizagem.

É essencial que o professor tenha uma boa base para o processo avaliativo, não sendo aquele que vai aos extremos, nem apenas classificando os alunos em este sabe, este não sabe. Podemos nos basear na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9394/96, artigo 24, inciso V:

V - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos;

A avaliação nas séries iniciais merece uma atenção especial, os instrumentos avaliativos devem ser escolhidos com muito cuidado, pois, a criança que acabou de sair da educação infantil, passa por um período intenso de mudanças.

Se a intenção é a aprendizagem do aluno, o processo avaliativo deve considerar a turma de alunos, a especificidade de cada um, deve ser contínua e formativa, um ato de amor, como afirma Luckesi (2002, p. 171) “o ato amoroso é um ato que acolhe atos, ações, dores e alegrias como eles são; acolhe para permitir que cada coisa seja o que é neste momento.”

Se considerarmos a avaliação como um ato de amor, o porquê do terrorismo, o medo dos alunos ao se falar em avaliação? Esta deve ser prazerosa, assumir sua função diagnóstica, auxiliando no processo de aprendizagem, incluindo todos neste processo, sem classificação, sem julgamentos precipitados e sim uma aprendizagem baseada na busca do conhecimento. Assim, concordamos com Luckesi (2002, p. 172):

O julgamento é um ato que distingue o certo e o errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação, para, então, ajuizar a sua qualidade, tendo em vista dar-lhe suporte de mudança, se necessário. A avaliação, como ato diagnóstico, tem por objetivo, a inclusão e não a exclusão; a inclusão e não a seleção. O diagnóstico tem por objetivo aquilatar as coisas, atos, situações, pessoas, tendo em vista tomar decisões no sentido de criar condições para a obtenção de uma maior satisfação daquilo que se esteja buscando ou construindo.

Cabe ao professor, no início de cada ano letivo, conhecer seu aluno e fazer uma avaliação prévia dos seus conhecimentos, através de jogos e brincadeiras, sem assustar e sem dizer ao aluno “você esta sendo avaliado, vamos ver o que você sabe.”

A tarefa do professor, como sabemos, é árdua, não basta ser competente ao lidar com o conteúdo, é preciso comprometer-se com o aluno, sendo assim, é necessário organização em relação ao trabalho pedagógico, pesquisar, buscar o “novo”, refletir sobre a sua prática pedagógica, buscar um processo avaliativo coerente, que tenha como foco o ensino e a aprendizagem.

Deve-se priorizar a avaliação contínua, diagnóstica e sistemática, com a variedade de instrumentos avaliativos. No que se refere ao ensino fundamental, encontramos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/1996:

Do Ensino Fundamental

Art. 32º. O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante:

- I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

Diante disso, vemos que também nas séries iniciais o processo de aprendizagem deve ser de maior relevância, em relação aos instrumentos avaliativos, onde a avaliação formativa prevaleça que seja considerado o processo de como o aluno aprende, quais suas dificuldades, que a avaliação contemple todas as necessidades para a formação de um cidadão crítico.

2.1 Os Instrumentos Avaliativos usados nas Séries Iniciais

Quando se fala em avaliação o mais comum é a associação desta com os instrumentos avaliativos usados pelos professores, é a prova, seminários, exames, trabalhos, entre outros. É preciso que os professores deixem um pouco de lado a nota e comecem a se preocupar com seus alunos como pessoas históricas e culturais, desenvolvendo uma prática avaliativa preocupada não em quantificar, mas em qualificar, no sentido de promover e não excluir. Desta forma, os instrumentos avaliativos devem ser elaborados considerando as diversidades dos alunos em sala de aula, buscando através destes, compreender o processo de aprendizagem em que se encontram. Os erros e acertos devem ser entendidos tanto pelo professor quanto pelo aluno, como um momento do ato de aprender. E como avaliar outros conhecimentos importantes nesta fase?

O sistema acaba selecionando os alunos quantitativamente, não verificam a qualidade do que foi aprendido, apenas quantificam o quanto aprenderam. Hoffman (2003, p.22) afirma que:

A verdade é que tal sistema classificatório é tremendamente vago no sentido de apontar as falhas do processo. Não aponta as reais dificuldades dos alunos e dos professores. Não sugere qualquer encaminhamento, porque discrimina e seleciona antes de tudo. Apenas reforça a manutenção de uma escola para poucos.

No ensino fundamental não se diversifica muito os instrumentos avaliativos, os mais usados são as provas escritas, trabalhos, pesquisas, observações e pareceres descritivos. Cabe lembrar que os PCNS (1997) apresentavam a organização por ciclos, hoje o que prevalece é o sistema de seriação.

Geralmente o instrumento avaliativo mais utilizado pelos professores de todos os níveis de ensino são as provas escritas. Para se testar o aluno as formas são diversas, podemos usar as questões de lacunas, que são aquelas que geralmente apresentam respostas curtas; usam-se também as questões de certo ou errado onde aparecem frases certas e erradas para a análise do aluno; questões de combinação são constituídas de duas colunas, uma apresenta a palavra chave, a outra questão referentes a esta palavra; questão de múltipla escolha, apresentam geralmente de quatro a cinco alternativas, onde apenas uma esta correta; cruzadinhas, apresentam quase sempre uma palavra chave, que as perguntas respondidas e as respostas escritas nos lugares certos encontram esta palavra.

Nas séries iniciais do ensino fundamental são utilizadas, muitas vezes, apenas na 3ª e 4ª séries, e comumente sendo atribuídas notas altas para um instrumento avaliativo apenas, que servirá simplesmente como uma verificação de conhecimentos. Para Haydt (1994, p.69) “testagem é uma técnica de avaliação que utiliza instrumentos chamados testes”. O teste é um conjunto de tarefas apresentadas a todos os membros de um grupo, onde são utilizados procedimentos uniformes de aplicação e correção.

Além das provas escritas, temos também outras formas avaliativas, como os trabalhos, que podem ser individuais, ou em grupo, em sala ou em casa, o que, muitas vezes, consiste apenas em cópias de textos, ou em sala com orientação e mediação do professor.

Os trabalhos realizados em sala, em grupos mediados pelo professor possibilita a este ter uma visão de geral das dificuldades apresentadas por seus alunos, muitas vezes até no problema, de algumas crianças em trabalharem em grupos.

Temos como instrumentos avaliativos, a observação e registros através de pareceres descritivos e de portfólio, ambos precisam de um olhar cuidadoso do professor, pois relatam passo a passo como é a vida escolar do aluno,

o portfólio ainda pode trazer fotos e alguns trabalhos realizados além de descrição das atividades e desenvolvimento dos alunos.

Como sabemos os instrumentos avaliativos são diversos, cabe ao professor, conhecer sua turma e avaliar, tendo objetivos claros e definidos, visando à qualidade da aprendizagem e não a quantidade. O importante é que o professor conheça bem seus alunos, sendo mediador no processo de construção do conhecimento escolar.

3. METODOLOGIA

A metodologia empregada neste estudo foi à pesquisa qualitativa que possibilitou um aprofundamento sobre o tema proposto, onde em sua fase inicial a pesquisa foi a bibliográfica e em segundo momento a pesquisa de campo.

A instituição em foco está localizada na região norte da cidade de Londrina, atende a 120 alunos, desde a educação infantil até o quinto ano das séries iniciais. Trata-se de uma escola da rede particular de ensino, onde a coleta de dados foi realizada com professoras do ensino fundamental I, do 1º a 5º ano. O estudo de natureza qualitativa para Chizzotti (1991, p.79)

Parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito.

Optou-se pela abordagem qualitativa de pesquisa, devido ao fato desta ser adequada aos objetivos do estudo.

3.2 Participantes

Os sujeitos desta pesquisa foram professoras do ensino fundamental das séries iniciais de uma escola privada da cidade de Londrina. Todos os questionários foram respondidos por professoras, com idades entre 20 e 40 anos, 75% entre 30 e 40 anos, 25%. Quanto à formação dos sujeitos, a sua grande maioria possuía no momento da coleta de dados, apenas a licenciatura em Pedagogia, o que correspondeu a 40%, constatamos que 20% tinham apenas o magistério e 40% o magistério e a licenciatura.

3.3 Material

Como técnica de coleta de dados em nosso estudo utilizamos o questionário (APÊNDICE A), o qual foi dividido em dois grupos: no primeiro, nosso objetivo foi caracterizar os sujeitos quanto à sua formação profissional, verificando sua titulação e experiência no magistério.

No segundo grupo, nosso objetivo foi o de averiguar as concepções avaliativas presentes nos enunciados dos professores investigados, onde coletamos dados sobre os instrumentos avaliativos, sua eficácia para a avaliação da aprendizagem e quanto ao conhecimento dos professores sobre a concepção da avaliação expressa na LDB n. 9.394/96.

3.4 Procedimentos para a Coleta e Análise dos dados

A Coleta de dados, foi realizada em uma instituição particular de ensino, onde agendamos uma data para a realização da investigação, foi feita uma visita até a escola onde apresentamos os objetivos do estudo e solicitamos a autorização para a aplicação dos questionários.

No momento da aplicação do instrumento, as professoras tiveram boa aceitação, não relataram dificuldades em responder as questões apresentadas, dessa forma, oferecemos um tempo de duas semanas para responderem ao questionário, o qual foi acompanhado pela pedagoga. Os dados coletados foram analisados com base no referencial teórico e nas categorias elencadas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No presente capítulo o objetivo foi discutir os dados coletados na realidade investigada, apresentando assim, as concepções de avaliação presente nos dizeres dos participantes.

Analisando o questionário aplicado às professoras, constatamos que a tarefa do professor nem sempre é fácil, por isso, concordamos com os Parâmetros Curriculares Nacionais, capítulo introdutório, no que se refere ao ato avaliativo (BRASIL, 1997, p.59):

A avaliação subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e sobre a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo o grupo. Para o aluno, é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para reorganização de seu investimento na tarefa de aprender.

As questões foram respondidas com clareza e analisadas, tendo como parâmetro os objetivos do estudo e a questão problematizadora, face ao arcabouço teórico.

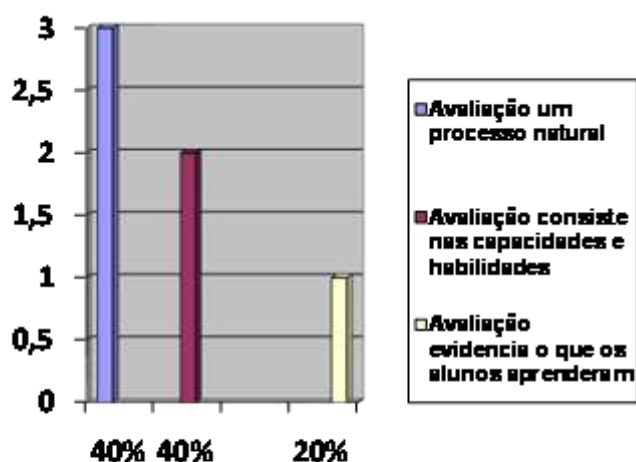
4.1 Concepções sobre Avaliação da Aprendizagem

Ao serem questionadas sobre o que é “avaliar”, pudemos perceber que todos os participantes concordam que a avaliação é um processo contínuo, 40% afirmam que é um processo natural, 20% disseram que avaliação serve para evidenciar o que os alunos aprenderam e 40% relataram que a avaliação consiste na percepção das habilidades e capacidades da criança. A avaliação é uma alternativa que, segundo Perrenoud (1999, p.149), “coloca à disposição do professor informações mais precisas, mais qualitativas, sobre os processos de aprendizagem, as atitudes e as aquisições dos alunos”.

Refletir sobre as concepções dos professores sobre avaliação de aprendizagem é fundamental para conhecermos a prática de sala de aula e ao mesmo tempo, verificar se as concepções presentes em seus enunciados estão

dificultando avançar no sentido de promover a aprendizagem dos alunos, como constatou Melchior (1993) em seu trabalho sobre a avaliação, o qual teve como ponto de partida as concepções dos professores do ensino fundamental. O gráfico 1 demonstra os dados apresentados:

GRÁFICO 1- O que é avaliar?



4.2 Quais instrumentos de avaliação você utiliza?

Sabemos que os instrumentos avaliativos a disposição do professor são diversos, muitas vezes o mais utilizado em todos os níveis de ensino tem sido a prova escrita, mesmo tendo clareza da necessidade de variar os instrumentos avaliativos para acompanhar o desempenho da turma. Concordamos com Haydt (1994, p.63) quando afirma que na avaliação:

Devem ser usadas diversas técnicas e instrumentos de avaliação. Atualmente, a avaliação assume a função de diagnosticar, bem como de verificar a consecução dos objetivos previstos para o ensino aprendizagem. Para que a avaliação possa desempenhar estas funções é necessário o uso, combinado, de várias técnicas e instrumentos. Quanto mais dados o professor puder colher na avaliação, utilizando instrumentos variados e adequados aos objetivos propostos, tanto mais informação terá a seu dispor para re-planejar o seu trabalho e orientar a aprendizagem dos alunos.

Outra pergunta feita para as professoras refere-se aos instrumentos avaliativos usado pelas mesmas, todas afirmaram que aplicam provas escritas bimestrais, 40% responderam que a avaliação é diária e acontece através de observações e trabalhos em sala; 40% que utilizam trabalhos que são feitos em casa com a ajuda dos pais, apontaram também trabalhos em sala e avaliam a disciplina e 20% utilizam a avaliação descritiva do desempenho do educando. O quadro abaixo demonstra os dados apresentados:

QUADRO 1 - Instrumentos Avaliativos utilizados pelos professores

Provas bimestrais	5	100%
Trabalhos em casa Avaliação por conceito	2	40%
Avaliação descritiva Avaliação de desempenho	2	40%
Avaliação diária através de atividades diversas	1	20%

Com a análise dos dados percebemos que as professoras utilizam diversos instrumentos avaliativos, mas que todas ainda aplicam e valorizam as provas bimestrais, com calendários previamente estabelecidos em reuniões pedagógicas.

4.3 Qual a contribuição destes instrumentos avaliativos para uma avaliação que promova o ensino e a aprendizagem?

Ao serem questionadas sobre a contribuição dos instrumentos na avaliação do ensino e aprendizagem, todas as professoras afirmaram que os instrumentos avaliativos contribuem para uma avaliação que promova o ensino e aprendizagem. P1 diz disse simplesmente “sim” a questão; P2 diz: com certeza, pois estes auxiliam o professor na reflexão; na opinião de P3 “às vezes sim”; para P4 ‘ estes instrumentos auxiliam muito, pois através deles consegue perceber as

dificuldades dos alunos; e P5 diz que “sim, através destes instrumentos posso perceber o que meu aluno assimilou.”

Tendo como base que os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental, no que se refere à avaliação vemos que:

Avaliar significa emitir um juízo de valor sobre a realidade que se questiona, seja a propósito das exigências de uma ação que se projetou realizar sobre ela, seja a propósito das suas conseqüências. Portanto, a atividade de avaliação exige critérios claros que orientem a leitura dos aspectos a serem avaliados. No caso da avaliação escolar, é necessário que se estabeleçam expectativas de aprendizagem dos alunos em conseqüência do ensino, que devem se expressar nos objetivos, nos critérios de avaliação propostos e na definição do que será considerado como testemunho das aprendizagens. Do contraste entre os critérios de avaliação e os indicadores expressos na produção dos alunos surgirá o juízo de valor, que se constitui a essência da avaliação (BRASIL, 1997, p.55)

As professoras entrevistadas acreditam que os instrumentos avaliativos que utilizam em sala de aula, são satisfatórios, que estes conseguem promover uma avaliação do ensino e aprendizagem, onde as professoras conseguem perceber as dificuldades de seus alunos.

4.4 Você conhece a Lei de Diretrizes e Bases? E o que ela diz sobre a Avaliação?

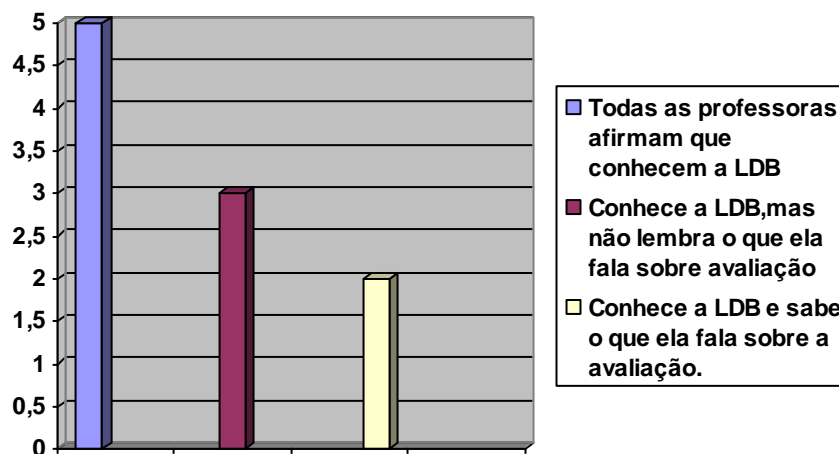
A formação do professor é essencial para que este possa compreender como acontece o ensino e aprendizagem, e adquirir concepções inovadoras acerca da avaliação. A legislação vigente na educação, muitas vezes, não fazem parte do conhecimento de muitos professores, muitos apenas tem contato com estes documentos na sua formação inicial de maneira geralmente vaga e com o tempo não se aprofundam em questões fundamentais, como podemos apontar, a avaliação.

Concordamos com Hoffmann (2003,p.144), quanto à superficialidade da formação do professor, quando se fala em avaliação:

É preciso dar-se conta da superficialidade de formação da maioria dos professores nessa área. Mesmo se referindo a uma visão tradicional e classificatória da avaliação ou concepção de medidas educacionais, poucos são os cursos de formação que até hoje, em seu currículo, incluem mais do que uma disciplina (universidade) ou algumas poucas horas de estudo em avaliação educacional. Dessa forma, quando o assunto é avaliação, não se trata de cursos de aprofundamento, mas de formação.

Com base nesta questão sobre a formação do professor e seu conhecimento sobre as leis que regem a educação, as professoras foram questionadas sobre o conhecimento da LDB 9.394/96. A questão colocada para as professoras foi se as mesmas conheciam a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, onde todas relataram conhecer o documento, mas 60% responderam que não lembram o que a lei diz sobre a avaliação e 40% responderam o que o documento traz sobre a avaliação. Podemos verificar no gráfico abaixo:

Gráfico 2: Você conhece a LDB? O que ela fala sobre a avaliação?



A formação do professor é de fundamental importância, mas algumas questões passam como sem importância, como é o caso do processo avaliativo em sala de aula. Na formação dos professores os instrumentos avaliativos não se diversificam assim os professores reproduzem o que aprenderam, estudam

leis que nos informam da coerência no ato avaliativo, mas não conseguem por em prática .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que a sociedade em que vivemos, a cada dia, o volume de informações e conhecimentos transmitidos por diversos meios, gerou uma revolução tecnológica e hoje ensinar não é uma tarefa tão simples, diante das profundas transformações que ocorreram na sociedade, mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais. A educação também deve se tornar mais dinâmica e atrativa, preparando nosso aluno para viver nesta sociedade em constante evolução. A avaliação também sofreu diversas alterações em suas concepções, funções e características, contudo percebemos a dificuldade dos professores, que mesmo tendo concepções modernas acerca da avaliação da aprendizagem, sentem dificuldade de colocar em prática estes modelos inovadores.

Para que efetivamente tenhamos uma avaliação que contemple as necessidades de nossos alunos, devemos ser professores comprometidos com a mudança na educação. Sabemos que ensinar exige o comprometimento do professor, este não pode exercer sua função em sala de aula, sem acompanhar o processo de construção do conhecimento escolar, precisamos de um professor mediador, unificador de saberes, que se utiliza da avaliação para verificar em que medida os seus objetivos foram alcançados.

O papel do professor diante destas mudanças tão rápidas é de comprometimento de um trabalho pautado na verdade, onde a avaliação privilegie as habilidades dos alunos considerando suas especificidades, que não seja mascarada, sendo apenas um teste de conhecimentos para uma verificação e classificação de conhecimentos.

Sabemos que o trabalho avaliativo deve começar a partir da educação infantil, mas que a avaliação da aprendizagem deve ser contínua, que o investimento no processo não deve parar na educação infantil ou nas séries iniciais e sim ter uma continuidade ao longo de nossa formação, pois assim podemos avançar no sentido de formar alunos críticos e agentes de mudança.

Ao adotar uma postura mais crítica em sala de aula em relação ao ato avaliativo, o professor deve ter clareza que para o aluno ser avaliado de forma coerente, o professor tem que fazer o exercício de registrar as manifestações dos alunos.

A avaliação passou por muitas mudanças, foi compreendida de diversas maneiras ao longo da história, e hoje o maior desafio é a mudança de postura, lançando um novo olhar para o aluno, apesar dos conceitos arcaicos sobre avaliação tão enraizados em nossa prática pedagógica.

A partir do erro podemos avaliar nossos alunos de forma positiva e enriquecedora, não rotulá-los como bons ou maus alunos. Precisamos repensar nosso trabalho, a forma de avaliar com critérios que deixem o aluno em evidência como o sujeito que aprende e ensina, transformando a sala de aula em um lugar agradável e prazeroso. Precisamos de professores comprometidos com a educação, onde as hipóteses levantadas pelos alunos sejam consideradas, o erro deve ser visto como uma construção para o conhecimento, um aprimoramento do aluno, frente a novas situações e desafios, onde formulam e reformulam suas hipóteses.

Enfim, como avaliamos nossos alunos? Será que é de maneira coerente? Avaliamos para verificarmos conhecimentos que os alunos devem aprender durante um determinado período estabelecido e nos esquecemos que cada criança tem seu tempo para aprender.

A avaliação deve estar centrada em acompanhar o processo de construção e assimilação do conhecimento, o como o aluno aprende, qual sua dificuldade, deve ser um ato amoroso, pensado para qualidade do que se ensina, evitando que a avaliação seja resumida a instrumentos avaliativos que medem e quantificam os conhecimentos do aluno.

O maior desafio da avaliação nas séries iniciais é o investimento no processo, o olhar diferenciado, o respeito às especificidades de cada aluno, é o repensar sobre a prática pedagógica em sala de aula, é termos consciência de que como professores somos os principais responsáveis pelas mudanças necessárias para vencermos todos os desafios de estar à frente de uma sala de aula.

Com base nas dificuldades apresentadas pelas professoras em sala de aula quando o assunto é avaliação, vemos que os instrumentos avaliativos ainda são aqueles baseados em verificar o conhecimento do aluno, apesar dos grandes avanços ainda temos este olhar de que somente se aplicamos provas escritas faremos uma boa avaliação de nosso aluno.

Os professores entrevistados deram esta dimensão, pois afirmam que a avaliação deve ser contínua, que as observações diárias de como o trabalho esta sendo realizado, como seu aluno aprende é importante, mas, as provas escritas

permanecem firmes como um divisor de quem conseguiu assimilar ou não o conhecimento.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **LEI DE DIRETRIZES E BASES**. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria da Educação Fundamental: Brasília, 1996.

BRASIL, **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS**. Ministério da Educação e do Desporto: Secretaria da Educação Fundamental: Brasília, 1997.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991

DEMO, Pedro. **Avaliação sob o olhar propedêutico**. Lógica e democracia da educação. Avaliação qualitativa. Campinas, Papirus, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários á prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática 1994, p.286-319.

_____. **Avaliação do processo ensino- aprendizagem**. São Paulo: Ática 1997.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: Mito e Desafio**. Uma perspectiva construtivista. Porto Alegre: Mediação 2000.

_____. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

_____. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré- escola á universidade**. Porto Alegre: Mediação2003

_____. **Pontos e contrapontos**. Porto Alegre: Mediação 2005

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez 2002.

_____. Avaliação da Aprendizagem mais uma vez. **Revista ABC Educatio** n.46, junho, 2005.

MELCHIOR, Maria C. **Avaliação pedagógica – função e necessidade**. Mercado aberto, 1993.

MÉNDEZ, Juan Manuel Alvarez. A Avaliação em uma prática crítica. **Revista Pátio** n.27, agosto/outubro, 2003.

PERRENOUD, P. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas**. Trad.Patrícia C. Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PILETTI, Cláudio. **Didática Geral**. Avaliação. 14 ed. São Paulo: Ática, 1991.

ROSA, Nara Beatriz kreling da Rosa. **A interação professor-aluno:** significações de alunos de quinta série do ensino fundamental sobre os signos não-verbais. 2009. Dissertação (Mestrado Linguagem e Processos de Aprendizagem). Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro Universitário Ritter dos Reis. Porto Alegre, 2009.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

1. Identificação

1.1 Idade

- () entre 20 e 30 anos
- () entre 30 e 40 anos
- () maior que 40 anos
- () menor que 20 anos

1.2 Sexo

- () feminino
- () masculino

1.3 Formação

- () Licenciatura. Qual? _____
- () Licenciatura e Magistério. Qual? _____
- () Magistério

1.4 Turma do ensino fundamental em que leciona

- () 1º ano
- () 2º ano
- () 3º ano
- () 4º ano
- () 5º ano

2. De acordo com suas concepções, o que é avaliar?

3. Quais os instrumentos de avaliação que você utiliza?

4. Estes instrumentos contribuem para uma avaliação que promova aprendizagem do aluno?

5. Você conhece a LDB? E o que ela diz sobre a avaliação?
